

A morte e a morte de Yossef Chayim

Léo Arieh*

E ele sonhou. Um anjo do senhor chegava em seu quarto trazendo dois falafels e o convidava para lanchar. Lancharam. Depois, sem qualquer prefácio, o anjo limpa as últimas migalhas de pita de sua longa bata e diz: "vive até completares os quarenta anos, pois um dia depois morrerás." O anjo some, ele acorda. Não achou estranho. Não sentiu medo. Não desesperou. Acatou o presságio. Agora era esperar.

Yossef Chayim tinha então vinte anos. Nunca fora especialmente inteligente ou bonito, medíocre talvez fosse a palavra correta. Mas tinha incrível talento para lidar com todo tipo de engrenagem e maquinário. Com eles aprendeu a se disciplinar, a ser regular, exato, pontual. E assim o foi também após a revelação. Esperava o dia de sua morte. Pena que o anjo não havia dado horário ou *causa mortis*, mas o que importava; se ele morreria de qualquer maneira... Agora era esperar.

Nos anos que se seguiram à revelação, desenvolveu uma estranha compulsão por relógios. Estranha para sua família, pois para ele sua coleção fazia pleno sentido; embora não a tomasse como coleção. Os relógios, centenas, eram meticulosamente sincronizados; proeza que lhe tomava um bom quarto de dia, até mesmo no *shabat*, para conseguir. E nas horas de badalada, pois também possuía carrilhões, seu quarto parecia um acampamento militar invadido de surpresa pelo inimigo ou uma aldeia que se incendiasse.

Levaram-lhe ao rabino. Achavam, O Eterno nos livre de tal, que estava possuído pelo maligno, apagado seja seu nome. Não estava. Estava possuído, sim, por uma idéia fixa, de raízes profundas, tão profundas que não se sabia se estavam fixadas no cérebro ou no coração... Ao psiquiatra não quis ir. Não era alienado! E a ninguém queria revelar a revelação. Só ele aguardaria. Só ele saberia. Para os outros, surpresa. Era bom pensar-se dono do destino, como Deus; embora não pudesse mudá-lo. Às vezes deixava-se seduzir pela idéia de adivinhar que doença, ou quem sabe acidente, o levaria para o outro lado. Durante algum tempo, fazia exames periódicos para averiguar se não aparecia um tumor, uma doença degenerativa qualquer. Decepção. Os elogios dos médicos por sua saúde de ferro o irritavam sobremaneira. Mas seu temperamento, de máquina, não o deixava externar. Desistiu dos médicos.

O acaso não lhe ajudava. Lutava contra si mesmo para não desviar de buracos, para expor-se a situações perigosas. Em vão. Era por demais disciplinado. Se decidia atravessar uma rua movimentada sem olhar para os lados, sempre havia um guarda de trânsito ou transeunte para alertá-lo; embora no mais das vezes a rua estivesse estranhamente deserta. Era esperar, só aos quarenta.

Naturalmente, não casou. Não queria deixar órfãos e viúva. Nada teria a legar-lhes a não ser relógios, clepsidras e ampulhetas. Entretanto, causava-lhe certo pesar saber que não haveria quem lhe dissesse o *kadish* e o *izkor*. Em deixar semente no mundo não se preocupava. Outros estavam aí para isso.

Mas como tudo passa; também Yossef Chayim passou. Fez quarenta anos. Comprou para si o último relógio. Jantou com os pais e foi dormir. No dia seguinte, acordou tarde, depois do meio dia. Não saiu do quarto. Aguardou. E passou o dia lento, com os seus relógios. À meia noite, esperou uma dor lancinante no peito, ou nas têmporas, que lhe jogasse ao solo. A dor não veio. Vieram-lhe gases, devidamente expelidos pelas vias normais.

* **Léo Arieh** é o pseudônimo literário de Leopoldo Osorio Carvalho de Oliveira, Professor Adjunto de Língua e Literatura Hebraicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Bacharel e Licenciado em Português-Hebraico pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autor de vários artigos acadêmicos sobre Literatura Israelense e Judaica, também é autor de *O Sr. Máni, de A. B. Yehoshua*: considerações sobre a identidade judaico-israelense (Humanitas/FFLCH-USP, 2004). O presente conto é sua primeira publicação ficcional.